

O LETRAMENTO E SUAS FORMAS DE APROPRIAÇÃO: ANÁLISE DE NARRATIVAS DE PROFESSORES

AMÉLIA ESCOTTO DO AMARAL RIBEIRO (FEBF/UERJ), ALESSANDRA RIBEIRO BATISTA (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

Resumo

Muito se tem dito e publicado sobre letramento, de tal sorte que o termo já foi incorporado ao discurso pedagógico de professores, independente de terem ou não, participado de programas de formação inicial e continuada no âmbito das secretarias de educação estaduais e/ou municipais, ou lido outros materiais, como livros, revistas e artigos, sobre esse tema. Ao que parece, mesmo diante da aparente profusão de publicações acerca dessa temática, ainda não há consenso em torno do entendimento e formas de apropriação de conceitos e indicações didático-pedagógicas dele decorrentes, sobretudo entre os professores dos anos iniciais da escolarização. Tem-se como hipótese principal que essa aparente falta de entendimento (ou um entendimento equivocado) sobre letramento provoca dicotomização do ato de ler e escrever, sugerindo, conseqüentemente, oposição entre o uso social da linguagem e a decodificação dos códigos de leitura e escrita. Investiga-se, a partir da análise das narrativas de professores, de um lado, o modo como o discurso desses professores se apropria do que se entende por letramento: se como conceito, postura, metodologia, militância ou mito. De outro, buscam-se elementos que permitam identificar sob quais enfoques – político-social, metodológico, lingüístico, entre outros – o letramento é entendido e sob quais “matrizes de entendimento” os professores organizam o conceito de letramento. Os resultados apontam para que o letramento parece ter se instaurado, para muitos, como APENAS uma alternativa na resolução de questões pertinentes à aprendizagem de leitura e escrita que a alfabetização não “resolveu”.

Palavras-chave:

letramento, narrativas de professores, alfabetização.

Muito se tem dito e publicado sobre letramento. De tal sorte que o termo já se encontra incorporado ao discurso pedagógico de professores. Isso acontece independentemente de terem participado ou não de programas de formação inicial e continuada no âmbito das secretarias de educação estaduais e/ou municipais ou de terem lido outros materiais, como livros, revistas e artigos, sobre esse tema. Ao que parece, mesmo diante da aparente profusão de publicações acerca dessa temática, ainda não há consenso em torno do entendimento e formas de apropriação de conceitos e indicações didático-pedagógicas dele decorrentes, sobretudo, entre os professores dos anos iniciais da escolarização, neste texto, denominados "professores alfabetizadores".

Em situações de cotidiano escolar, especialmente em escolas públicas municipais, observa-se que essa aparente falta de entendimento (ou um entendimento equivocado) sobre letramento provoca dicotomização entre o ato de ler e escrever, sugerindo, conseqüentemente, oposição entre o uso social da linguagem e a decodificação dos códigos de leitura e escrita.

Para melhor explicitar as maneiras pelas quais professores alfabetizadores (aqui entendidos como os que atuam nos anos iniciais da escolarização) percebem,

conceituam e entendem letramento, investiga-se, a partir da análise das narrativas de professores alfabetizadores, de um lado, o modo como o discurso desses professores se apropria do que se entende por letramento. De outro lado, buscaram-se elementos que permitam identificar sob quais enfoques - político-social, metodológico, linguístico, entre outros - o letramento é entendido e sob quais "matrizes de entendimento" os professores organizam o conceito de letramento.

Inicialmente, definiram-se como população-alvo 150 professores alfabetizadores de quatro (4) redes municipais de educação da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Os dados, coletados através de questionário, ao serem analisados, indicaram que não havia nenhuma diferença relevante entre as respostas dadas, pelos professores alfabetizadores das redes municipais pesquisadas. Esse fato fez com que se retornasse ao universo pesquisado, desta vez transformando as questões do questionário em roteiro de entrevista. Obtiveram-se, aqui, os mesmos resultados.

Dessa forma, o que se apresenta no presente texto são reflexões construídas a partir dos dados e, ao mesmo tempo, com o apoio desses mesmos dados. Elegem-se como eixos estruturadores as questões mais recorrentes nas respostas dos professores alfabetizadores, a saber: aproximações entre os usos sociais da leitura e da escrita e as ações didático-pedagógicas no âmbito escolar; o letramento como alternativa para o ensino e a aprendizagem do ler e do escrever, e enfoques a partir dos quais o letramento é entendido.

- aproximações entre o uso social da leitura e as ações didático-pedagógicas escolares

No que diz respeito ao uso social da leitura e da escrita pode-se observar que, na verdade, a dimensão social é própria razão de ser da leitura e da escrita. Parece, neste contexto, desnecessário afirmar o "uso social" de alguma coisa que só é possível nessa dimensão. É possível perceber que desde a sua origem a escrita, especialmente, surge da necessidade de racionalização das atividades do comércio. Entre os sumérios, por exemplo, a escrita surge como base para o registro contábil dos bens do templo:

Era necessário descobrir uma forma de registrar as várias oferendas e sua utilização, caso o Deus exigisse de seu sacerdote a prestação de contas da administração. E, na verdade, no santuário de Ziggurate os escavadores encontraram uma tabuinha com a impressão de um selo e furos que sem dúvida são números. É a mais antiga placa de contabilidade do mundo, precursora imediata de uma longa série de contabilidade dos templos sumerianos (Childe, 1988, p.31).

Desse modo, a escrita e os seus usos impactam diferentes sociedades e contextos. Implicam, necessariamente, mudanças significativas na dinâmica das atividades sociais. Nesse sentido, tem como base, condutas sócio-cognitivas cuja lógica indica o desenvolvimento de competências como: a organização das informações anotadas, o aprimoramento nas formas de comunicação, a seleção dos dados, a classificação de objetos, a fixação de pesos e medidas, a criação do sistema numérico, o desenvolvimento de conhecimentos sobre as estações do ano e do curso das estrelas que deram origem à astronomia e astrologia.

Em diferentes contextos e épocas, a escrita implicou mudanças significativas nos comportamentos. Na Grécia, a possibilidade de analisar e criticar os textos de

referência ultrapassava a questão do acesso a eles. O exercício da argumentação e o desenvolvimento do espírito crítico têm como base o texto escrito, sobretudo a análise e comparação das leis.

No âmbito da sociedade brasileira, na trajetória da alfabetização também a função social da leitura e da escrita acompanha as expectativas acerca do ensino e aprendizagem destas. No período jesuítico é possível identificar que a importância da aquisição da habilidade de leitura e escrita residia em seu potencial para o trato/acesso a textos de uso social. Isto permite dizer que já nesta época:

"A leitura, a escrita e o cálculo eram, de fato, os conteúdos próprios da instrução, que davam base para a compreensão das Sagradas Escrituras. Ter acesso aos catecismos, livros e cantos religiosos, realizar o complicado cálculo dos dias e das festas religiosas, entender e acompanhar ativamente os ritos e os sacramentos era tudo o que se esperava da instrução do gentio. Isso os civilizava, pacificava, transformando-os em súditos da Coroa e 'filhos de Deus'".
(Xavier, 1994, p. 43)

Conforme se pode verificar neste trecho, a finalidade da alfabetização excedia o simples domínio das habilidades da leitura e da escrita com finalidades meramente instrucionais. Antes, tais habilidades atendiam uma função social mais ampla, neste caso, a inserção nos ritos da fé católica e a civilização da colônia, através da difusão dos valores sócio-culturais da metrópole.

Em termos metodológicos da alfabetização os padres jesuítas utilizavam estratégias e recursos diferenciados como versos, cantos nativos, teatro e danças; isso revela o esforço pelo uso de múltiplas linguagens e a adequação do ensino à realidade da criança, recomendações pedagógicas recorrentes até os dias atuais.

Com base nas expectativas pelo ensino da leitura e da escrita que acompanha a dinâmica da sociedade brasileira, desde esse período, é possível dizer que a trajetória da alfabetização sempre foi caracterizada pela definição de demandas com vistas à civilidade, envolvendo sujeitos considerados minorias para os quais se estabelecem objetivos meramente inclusivos e, aqueles que, enxergando o potencial da alfabetização, anseiam, por meio dela, a inserção nas atividades produtivas.

- Letramento como uma alternativa para a aprendizagem da leitura e da escrita.

O letramento, como alternativa para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, emerge e é incorporado ao discurso educacional a partir dos dilemas relativos às dificuldades na aprendizagem e domínio dessas habilidades, especialmente no contexto dos anos iniciais da escolarização. Buscam-se "novas formas" de aproximação entre os conteúdos escolares e a dita "realidade" do aluno, admitindo-se que a distância entre o universo (cultural) do aluno e a cultura escolar provoca não apenas o fracasso escolar como também a desmotivação para a busca do saber, principalmente quando este implica a necessidade de ler e escrever.

Com isso abre-se uma lacuna no que diz respeito aos fins e finalidades da escola, aos conteúdos escolares, às estratégias didático-pedagógicas e às formas de avaliação.

Na verdade, há que se reconhecer que o conceito de letramento ainda está em construção no contexto das práticas escolares. Carlos (2001) chama a atenção para a precariedade do conceito de letramento. Faz esta constatação a partir de vinculações entre letramento e o campo da linguagem, entendida como um dos complexos do complexo social.

Ao analisar algumas produções teóricas acerca do letramento, identifica a centralidade da escrita, expressa no que chama de feixes de relações, a saber: alfabetização-escrita-indivíduo e alfabetização-escrita-sociedade. Reconhece o emprego do termo letramento utilizado como:

uma categoria capaz de operar o deslocamento dos processos de aquisição da escrita de um plano cognitivo e individual para uma esfera social e histórica. (...) O letramento configurado como uma prática social especificamente simbólica, (...) uma escrita flexível, variante e móvel, cuja forma particular dependerá do contexto e das situações sociais em que for empregada. (Carlos, 2001, p.26).

Acrescenta, ainda, o letramento referido à aquisição de práticas sociais de "leitura e escrita" - "leitura e escrita contextuais". Aqui, parece possível admitir que existam várias formas de ler e escrever em conformidade com as múltiplas possibilidades oferecidas pela sociedade atual. Nessa perspectiva, os binômios "leitura-escrita" e "prática social e contexto" são aspectos centrais do letramento. Assim, os indivíduos letrados apresentam a capacidade de ler e escrever textos (textos contextualizados) de modo a poder dizer sobre si e o mundo, em diferentes contextos.

Do ponto de vista da imbricação entre as práticas de letramento com os processos educativos, ratificam-se a participação na vida social e o exercício da cidadania como princípios. Desse modo, à prática pedagógica cabe oferecer subsídios para que pessoas e comunidades se apropriem eficaz e criticamente dos vários eventos textuais e discursivos de modo a articular as dimensões de aprendizagem e de prática em seus aspectos técnicos, culturais e críticos.

- **Letramento: método, condição, postura, militância... ou problema?**

Observa-se, a partir das narrativas dos professores alfabetizadores, certa dificuldade no sentido da construção de uma concepção mais ou menos compartilhada de letramento. Sobre esta questão, pode observar que as respostas oscilam entre a compreensão de letramento como **método, condição, postura, militância ou problema**.

Assim, pensar **letramento como método** implica relacioná-lo a algum tipo de orientação quanto a questões do fazer pedagógico. Isso pode ser observado nos excertos a seguir:

...há uma preocupação em fazer o lúdico fazer parte do processo de alfabetização, (...) Hoje em dia é cruzadinhas, jogos, historinhas...é com brincadeiras que se ensina a ler e a escrever.

...o lúdico como pontapé inicial; a entrada da brincadeira, do prazer faz com que as crianças se alfabetizem com mais tranquilidade.

...eu percebo a visão que a gente tem com o letramento de valorizar a construção de todo o processo de alfabetização... a visão dos profissionais modificou: antigamente tinha que ser tudo muito correto...

Conceber o **letramento como condição** implica entendê-lo predominantemente de um ponto de vista social. É compreender o que ocorre na sociedade quando esta se apropria das práticas de escrita. O letramento se apresenta nas mais diversas situações, nos diferentes espaços e atividades de vida das pessoas.

Letrar permite que o sujeito se torne completo com direito de ocupar o seu lugar no espaço econômico, cultural, social e político. Para isso, a escola necessita ampliar as ações culturais a fim de ensinar a ler e a escrever produzindo e sustentando condições de prática de letramento. Sugere-se, aqui, a expressão "sujeito letrado".

A escola transforma-se em espaço de mediação entre os sujeitos e os diversos conteúdos da cultura; promove o contato com diferentes formas de expressão cultural como gêneros textuais distintos em situações comunicativas distintas. Seve de exemplo o que segue:

Portanto, uma mudança em relação às práticas educativas relacionadas à leitura e à escrita, no âmbito escolar, pressupõe uma mudança de postura tanto do aluno quanto do professor enquanto sujeitos leitores e escritores.

Numa perspectiva que admite **o letramento como postura**, o conceito de língua, seus usos e suas conseqüências nas ações educativas ultrapassam o saber ler e escrever. Implicam um saber e um fazer pedagógicos comprometidos com as dimensões individuais e sociais da leitura e da escrita. Contudo :

Não se fica letrado da noite para o dia. Se letramento passa pela questão de saber usar a leitura e a escrita para interagir, é preciso admitir que esse jogo de interação é descoberta/reconstrução do mundo seu e do outro deve ser acessado e conquistado passo-a-passo. Deve-se, portanto, sentir o sabor de viver os "vazios" aparentes, os "espaços"/"abismos" entre teoria e prática. (Ribeiro Apud Mello e Ribeiro, 2004, p.100).

Segundo os professores alfabetizadores:

...Desde que conheci o letramento, faço um levantamento dos conhecimentos que os alunos têm sobre o mundo em que vivem, para que eles façam da leitura e da escrita instrumentos básicos para o ingresso e a participação na sociedade letrada em que vivemos...

... Aprender a ler não é simplesmente saber decodificar símbolos, letras, e sim, compreender o que se está vendo ou lendo, a aprendizagem se dá a partir do conhecimento real e atual do mundo, proporcionando aos alunos um ambiente de diálogo, de muita informação e de motivação para que eles se sintam capazes.

Cabe ratificar que a ação pedagógica é intencional. Mesmo que essa intencionalidade não se expresse verbalmente, o ser e o fazer pedagógico a revelam. Dessa forma, parece adequado entender que o letramento como postura é uma possibilidade positiva no que se refere ao processo de ensino e de aprendizagem de leitura e escrita, no âmbito escolar.

Ressalta-se, ainda, que o letramento tem sido visto no âmbito do discurso educacional como uma saída para as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, especialmente para as camadas populares. Tem povoado o imaginário e os discursos educacionais com expectativas de promoção e constituição de um dito "sujeito letrado". Atividades com jornais, revistas, rótulos, encartes e outras têm sido promovidas ao "status" de novidade pedagógica como prerrogativa do letramento e como garantia de que através desses "recursos" didáticos o aluno amplia sua leitura de mundo. Com isso, associam-se, artificialmente, determinado tipo de atividades a letramento. Aqui, o discurso pedagógico (apologético na maioria das vezes) sobre o **letramento assume um caráter de militância**. Cabe esclarecer que em momento algum se pretende, neste texto, qualquer tipo de juízo de mérito ou de valor acerca da importância (ou não) das diferentes formas ou modalidades de militância.

Servem, aqui, de exemplo os seguintes excertos:

O letramento também pode ser encarado como um problema. Em nome do acesso a herança cultural ou ao acesso aos usos sociais da escrita, corre-se o risco de subverter os valores que construíram essa herança e usos; em outras palavras, a cultura quando "veiculada" e mesmo quando apropriada por determinados sujeitos, em contextos específicos, implica sempre um "recorte" na base dessa cultura. E nesse sentido quando se pensa o letramento como um instrumento a partir do qual se pode "apresentar" os sujeitos ao mundo letrado, tem-se na base a idéia de que há alguém iletrado dependente de outro "letrado" (professor ou a escola) que lhe garante a inserção em um mundo até então "desconhecido". Nem sempre se leva em consideração que o juízo que define quais eventos ou práticas podem ser considerados de letramento ou mesmo a existência do dualismo letrado/iletrado por si só se configura como uma atitude preconceituosa. A esse respeito Mey (2001:238) considera que o letramento tem sua relevância enquanto "uma luta que é dos oprimidos e não de educadores bem intencionados e ativistas políticos". Daí questiona-se como promover o letramento do outro e com que dimensão e significado:

... o discurso do letramento precisa, de algum modo, ter um elemento de valor que seja, de uma maneira ou de outra, acessível e identificável aos que estão envolvidos na prática do letramento. A questão é, então, como esses valores podem ser expressos e o que eles representam....

A esse respeito observou-se, por exemplo:

... Não vi diferença entre o significado de alfabetização e letramento apesar do empenho dos autores em diferenciá-los. Para mim todos que consideram a alfabetização como decodificação possuem uma visão muito limitada do que seja alfabetizar e estão descontextualizando sua função social. Considero que para o conceito "letramento" vir à luz, houve um esvaziamento do conceito de alfabetização. O que fazer?

Como se pode observar o tema letramento suscita múltiplas interpretações e reflexões. Dentre estas a interface letramento e alfabetização merece destaque tendo em vista as polêmicas decorrentes das dúvidas sobre "como letrar" e a partir de que recursos didático-pedagógicos, sobre a formação inicial e continuada de professores alfabetizadores. Nesse particular, parece curioso que no universo pesquisado, a formação inicial não seja indicada como fonte de informação sobre letramento, enfatizando-se a formação em serviço como fonte principal de contato com o letramento.

Para o contexto investigado, predomina a idéia do letramento como alternativa para as dificuldades do ensinar e aprender a ler e a escrever, principalmente quando se trata dos alunos das classes populares. Essa tendência pode produzir um entendimento equivocado de letramento, reduzindo-o a elementos de um fazer pedagógico que tem no enfoque político-social sua base de sustentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, E. J. **Letramento: um conceito ainda precário**. Disponível em: www.adufpb.org.br/publica/conceitos/06/art_04.pdf. capturado em dezembro de 2004. <http://www.kfssystem.com.br/loubnan/fenicio.html>

CHILDE, G. *A revolução Urbana na Mesopotâmia*. In: **Modos de produção na antiguidade**. Org. Jaime Pisky, São Paulo, Global, 1988.

CHILDE, G.. **O que aconteceu na história**. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

HUOLT, J.L. *O advento das cidades*. In: **História viva: Mesopotâmia, o berço da civilização**. Revista história viva. Duetto Editorial, São Paulo, p. 30-7.

MEY, J. **As vozes da sociedade: seminários de pragmática**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

RIBEIRO, Alexandre do Amaral. *É possível ensinar a ler?* In: **Letramento: significados e tendências**. Rio de Janeiro, WAK Editora, 2004.

ROUAULT, O. O cerimonial do comércio. In: **História viva: Mesopotâmia, o berço da civilização**. Revista história viva. Duetto Editorial, São Paulo, p.24-7.

XAVIER et al. **História da educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.